

LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL: COM QUAL GÊNERO EU VOU?

**Vanuza Batista da Costa Duarte
Maria Suely da Costa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba**

Considerações Iniciais

Partindo do pressuposto de que a escola é responsável pela inserção do aluno no mundo letrado é que buscamos com este artigo verificar quais gêneros literários têm sido mais utilizados pelos professores de ensino fundamental de duas escolas municipais da cidade de Esperança, interior da Paraíba. Em detrimento do livro didático, muitas são as vezes em que o professor deixa o texto literário à margem do ensino em sala de aula, embora os PCNs do ensino fundamental proponham a utilização dos gêneros literários assim como os demais gêneros, afim de que o aluno se torne um leitor competente e construa, de forma autônoma, seus interesses por um gênero ou outro a partir do contato vivenciado em sala de aula.

O texto literário no ensino fundamental

A escola é, muitas vezes, o primeiro lugar, quando não o único, onde alunos oriundos de uma classe social menos favorecida têm a oportunidade de se enveredar pela literatura. Portanto, a escola não pode se negar a abrir as portas para a leitura literária em detrimento de outros saberes quando esta é tão ilimitada, pois consegue agregar os mais diferentes saberes.

A sala de aula é um espaço adequado para o desenvolvimento do gosto pela literatura e o professor tem parcela significativa nesta construção, por ser ele o responsável pelas escolhas dos textos e assim pelo sucesso ou insucesso da leitura literária em sala. Zilberman (2009, p.29) faz uma afirmação interessante quanto à importância da literatura em sala de aula ao dizer que “Leitura e escola talvez devam recorrer à literatura para retomar seu rumo e reavaliar seus respectivos propósitos.” Quando nos reportamos à antiguidade grega percebemos o quanto faz sentido esta afirmação da autora, pois a literatura (*mousike*) era um dos quatro assuntos básicos da escola ateniense juntamente com a linguagem (*grammatike*), a aritmética (*logistike*) e o atletismo (*gumnastike*) e, ao longo do tempo, foi perdendo espaço para outros saberes e ficando em segundo plano, quando não esquecida dentro da escola.

Atualmente, os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) do terceiro e quarto ciclo, correspondente a etapa final da Educação Básica (6º ao 9º anos do ensino fundamental),

asseguram que a escola deve priorizar textos que se caracterizem por usos públicos da linguagem, isto é, textos que façam parte do cotidiano do aluno dentro e fora da sala de aula com o objetivo de

favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para plena participação numa sociedade letrada. (BRASIL, 2001, p.24)

Conforme apontado nos PCNs, para participar desta sociedade letrada de maneira autônoma e crítica significa estar em contato com os mais variados gêneros textuais. Quanto mais contato com a diversidade textual maior será a capacidade reflexiva do aluno seja qual for a sua posição dentro da sociedade. O texto literário pode ser também uma porta de acesso a esta efetiva participação na sociedade letrada, uma vez que, devido as suas características e peculiaridades de linguagem, possibilita que o leitor tenha outras visões de mundo. A leitura de textos literários permite o leitor viajar ao imaginário, questionar a sua realidade, além de proporcionar o contato com suas emoções.

O texto literário reinou absoluto até meados do século XX, quando cedeu seu lugar para outros gêneros textuais em virtude da expansão dos meios de comunicação e avanços tecnológicos, dessa maneira a escola precisava adequar-se a esses novos usos sociais da língua escrita e pouco a pouco o texto literário, bem como “a literatura foi vista como um luxo supérfluo.” (COLOMER, 2014, p.35). Com a implantação dos PCNs, como diretrizes para o ensino de língua portuguesa, tenta-se resignificar o texto literário como objeto de estudo em sala de aula. Contudo, ainda que os documentos oficiais enfatizem a utilização do texto literário, assim como dos outros gêneros textuais de “maior frequência na realidade social e no universo escolar” (BRASIL, 2001, p.26), percebe-se na prática um afastamento do que se propõe na teoria.

Diante do exposto, é que surgem questões dignas de atenção tais como: o enfoque pontual dado em sala de aula e até mesmo nos livros didáticos do Ensino Fundamental II seria fruto da interpretação de que o texto literário é um gênero apenas do universo escolar e, portanto, não transcende a sala de aula? Fora da escola o aluno somente será leitor de artigos, editoriais, receitas, notícias, histórias em quadrinho, dentre outros textos práticos? Os textos literários devem ocupar espaço na formação do aluno?

No contexto atual, tem-se verificado a pouca relevância que se dá aos textos literários na fase da Educação Básica, talvez pelo fato de que muitos professores considerem que ao chegar ao Ensino Médio o aluno terá maior contato com o texto literário, pois a literatura é

conteúdo obrigatório desta etapa da educação. Contudo, ainda nesta fase, constata-se o ensino de contextos históricos, biografias de autores de determinada época e a utilizar-se de textos fragmentados como exemplificação da história da literatura. Sendo assim, o contato com o texto literário, deveria ser um processo durante toda a vida escolar dos alunos, é reduzido a um papel secundário na escola.

De acordo com Guimarães e Batista (2012), o texto literário está situado entre o real e o imaginário e é capaz de provocar modificações no leitor ou como bem enfatiza Colomer (2014, p.31), é capaz

de contribuir para a formação da pessoa, uma formação aparece ligada indissolavelmente à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem.

Portanto, privar o aluno de um contato mais frequente com textos literários é o mesmo que impedi-los de mergulhar no passado para que construa uma visão mais crítica do mundo atual, de formar opiniões e ideais que possam contribuir para sua relação em sociedade. Isso porque

a literatura é a porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de cada um. Tudo o que lemos nos marca. (LAJOLO, 2010, p.44-45)

Sendo assim, é importante que se observe a relevância que o texto literário deve ter em sala de aula, pois a literatura humaniza (CANDIDO, 2004), mostra outros mundos sem que se saia do lugar. Além disso, o contato com o texto literário possibilita desenvolver o gosto por ler, um hábito que se estende para fora da escola, tornando-se uma prática social na vida do aluno e não mera fruição como, muitas vezes, tem sido encarada.

Revisitando o conceito de gêneros literários e sua classificação

Os atuais estudos sobre gênero se pautam nas proposições trazidas a partir dos estudos de Bakhtin (2000) sobre gêneros do discurso, entendido como enunciados relativamente estáveis nas mais diversas esferas comunicativas.

Este novo conceito de gênero do discurso logo adentrou as escolas como modelo para o ensino de língua, a exemplo dos PCNs que recomendam o trabalho dentro da perspectiva Bakhtiniana, como podemos ver refletido no seguinte trecho do documento: “Todo texto se

organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam,” (BRASIL, 2001, p.21).

Bakhtin (2000) faz uma divisão entre os gêneros do discurso em gêneros primários e gêneros secundários. Os gêneros primários ou simples “se constituíram em circunstâncias de comunicação verbal espontânea”, enquanto os gêneros secundários ou complexos “aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente evoluída, principalmente escrita.”. Os gêneros literários, portanto, inseridos nos gêneros secundários, por serem mais propícios ao estilo individual que os gêneros primários.

No entanto, a concepção de gêneros precede Bakhtin, se fizermos um retorno aos estudos literários da Grécia entenderemos como surgiu essa necessidade de agrupamento dos gêneros. Platão, em *A República*, foi o primeiro a fazer referências aos gêneros literários através do conceito de imitação e estabeleceu os gêneros comédia, tragédia ditirambos e epopeia. Por outro lado, Aristóteles em *Poética* apresenta o processo da *mímesis*¹ artística, detendo-se a estudar mais profundamente os gêneros de poesia. Soares (2007) salienta que Aristóteles diferenciou os gêneros a partir de uma visão mais conteudista. O conceito de gêneros literários foi preocupação de todos os períodos literários, sempre revisados conforme as perspectivas e bases teóricas de cada período.

De acordo com Soares (2007, p.7):

A denominação de gêneros literários, para diferentes grupamentos das obras literárias, fica mais clara se lembrarmos que gênero (do latim *genus-eris*) significa tempo de nascimento, origem, classe, espécie, geração. E o que se vem fazendo, através dos tempos, é filiar cada obra literária a uma classe ou espécie; ou ainda é mostrar como certo tempo de nascimento e certa origem geram uma nova modalidade literária.

Este conceito remete bem ao fato de que os textos literários podem modificar-se ao longo do tempo, um exemplo de disso são os minicontos que surgiram em decorrência da rede social *twitter* e estas mudanças são um reflexo das mudanças na maneira de ler da sociedade atual. Conceito este assinalado por Terra (2014, p.98) ao afirmar que entende ser necessário encarar “a questão dos gêneros literários não como uma tipologia fechada, já que a classificação de uma obra num determinado gênero não deve levar em conta os aspectos imanentes da obra, mas também sua função social, valores culturais e os horizontes de

¹ “*Mímesis* designa imitação, representação. Para Platão, a arte era imitação (representação) das coisas, que, por sua vez, eram imitação das ideias. Para Aristóteles, os gêneros literários seriam formas de imitação, representação e variariam em função do objeto, do modo e do meio.” (TERRA, Ernani. *Leitura do texto literário*. São Paulo: Contexto, 2014, p.96)

expectativas do receptor, os quais guiarão a leitura.”. Sendo assim, é importante o conhecimento destes aspectos específicos aos gêneros para fins de uma ação pedagógica coerente.

Quanto ao agrupamento dos gêneros literários, este vem desde a Antiguidade clássica e até hoje persiste a divisão feita por Aristóteles. Para o filósofo, os gêneros literários deveriam ser divididos conforme suas funções estéticas, tendo a seguinte classificação: gênero ou forma lírica, gênero ou forma narrativa (épica) e gênero ou forma dramática.

De acordo com Terra (2014), o gênero lírico é descendente música, está centrado no individual, de caráter subjetivo e emotivo. Não possui narrador, como nos romances, mas tem um eu lírico. Como característica estrutural manteve da música os recursos sonoros (ritmo, métrica, rimas, refrão, etc.). Quanto ao conteúdo, há casos de poesia voltada para subjetividade ou para a realidade objetiva, ou ainda, pela transcendência da objetividade para a subjetividade.

Observe-se:

FANATISMO

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida.

Meus olhos andam cegos de te ver.

Não és sequer razão do meu viver

Pois que tu és já toda a minha vida!

Não vejo nada assim enlouquecida...

Passo no mundo, meu Amor, a ler

No mist'rioso livro do teu ser

A mesma história tantas vezes lida!...

(...)

(ESPANCA, Florbela. Poemas de Florbela Espanca. São Paulo: Martins
Fontes,1996,p.171)

Quanto a gênero épico ou narrativo é caracterizado pelo fato de narrar um acontecimento em verso, como é o caso das epopeias, ou em prosa. O que caracteriza estruturalmente este gênero é a presença de um narrador, bem como outros três elementos substanciais: os personagens, o evento e o espaço, além do tempo.

Veja-se o exemplo abaixo:

*Musa, reconta-me os feitos de um herói astucioso que muito
peregrinou, dêz que esfez as muralhas sagradas da Troia;
muitas cidades dos homens viajou, conheceu seus costumes,
como no mar padeceu sofrimentos inúmeros na alma,
para que a vida salvasse e de seus companheiros a volta.*

(HOMERO. Odisseia. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 5ed. Rio
de Janeiro: Ediouro, 1997, p.2)

Já o gênero dramático, deriva da palavra grega *drama*, que significa ação. Este é um gênero feito tipicamente para ser representado para um público, a exemplo das peças teatrais. Estruturalmente pode ser composto em verso ou em prosa havendo predominância de sequências de diálogos.

Observe-se o exemplo:

CHICÓ
Entendi.
JOÃO GRILO
Quando eu gritar por você, venha, me entregue o gato e deixe o resto por minha conta.
CHICÓ, vai sair mas volta
E o que é que eu ganho nisso tudo?
JOÃO GRILO
Uma parte no testamento do cachorro.
CHICÓ, idem
E se o negócio der errado?
JOÃO GRILO
Lá vem você com suas latomias! Quer ou não quer? Se não quer diga logo, que eu arranjo outro sócio.

(SUASSUNA, Ariano. O auto da compadecida. Rio de Janeiro: Agir, 2005, p.89)

Embora sejam estes os três tipos mais comuns de gêneros literários, Soares (2007) ainda denomina a crônica e o ensaio como “duas formas especiais”, em virtude de ambos estarem localizados dentro de um território limítrofe entre o literário e o não literário.

Análise dos dados

A pesquisa contou com a informação de cinco professores de duas escolas públicas municipais de ensino fundamental, localizadas na cidade de Esperança, agreste paraibano. Os professores informantes têm idade variável entre 27 e 46 anos, sendo quatro mulheres e um homem. Quatro dos cinco professores são licenciados em Letras e um é licenciado em Pedagogia. Dos quatro licenciados em Letras três são especialistas e um é mestre. Quanto a experiência em sala de aula possuem entre cinco e vinte e cinco anos de experiência.

Os professores informantes responderam a um questionário composto por sete questões que versavam sobre a identificação, formação e experiência de sala de aula, bem como questões direcionadas ao trabalho com o texto literário. Das sete questões, três eram subjetivas e quatro objetivas.

Ao serem questionados a respeito do trabalho com textos do livro didático responderam, de forma unanime, utilizá-los com frequência em sala de aula. Todos afirmam utilizar outros textos como complemento aos conteúdos no livro didático e dentre estes textos complementares incluem os gêneros literários.

Quanto à questão sobre qual (is) gênero(s) literário(s) o professor informante dá ênfase em suas aulas, foram colocados, no questionário, aqueles privilegiados pelos PCNs: cordel, texto dramático, canção, poema, conto, crônica, novela e romance. Para ilustrar as respostas dos informantes formatamos a seguinte tabela:

Gênero Literário	Professores que utilizam
Poema	4
Cordel	4
Canção	1
Texto dramático	2
Conto	4
Crônica	3
Romance	2
Novela	-

Segundo Fischer (2008), os brasileiros têm predileção pelos gêneros menores, como a canção, a crônica, uma vez que estes gêneros estão mais ligados a cultura de massas e ao mercado moderno. Interessante, notar que o cordel é utilizado pela maioria, haja vista ser um gênero literário muito comum no nordeste brasileiro e de fácil acesso, pois seu custo é

barato, além de a cidade possuir cordelistas conhecidos na mídia “Macambira e Querindina” que não deixam morrer a tradição deste gênero na cidade e fazem sempre campanhas nas escolas de incentivo a leitura e produção de cordéis.

O conto é outro gênero bastante utilizado, por ser tratar de uma narrativa mais curta que o romance e a novela, este gênero que se adequa a idade dos alunos que cursam o ensino fundamental, além de permitir ao professor trabalhar o processo narrativo em gêneros menos extensos.

A utilização da crônica e do poema tem forte influência da Olimpíada de Língua Portuguesa que acontece a cada dois anos, além de serem os gêneros que mais aparecem nos livros didáticos de língua portuguesa.

A canção é um gênero praticamente esquecido pelos informantes, pois apenas um afirma utilizá-lo, além disso fica evidente que gêneros como a novela, o romance e o texto dramático são pouco enfatizados em sala de aula em virtude de sua complexidade e extensão o que nos leva a crer que os professores considerem seus alunos imaturos para trabalhos com estes gêneros.

Considerações finais

Pelos dados coletados fica evidente que o trabalho com gêneros literários parece estar ainda adormecido em sala de aula, embora os professores afirmem trabalhar com tais gêneros é visível que dão privilégio a uns e a outros não. Provavelmente, a ênfase dada a alguns gêneros ora é determinada pelo próprio livro didático, ora pela realidade que circunda o aluno, como no caso da predileção pelo cordel, pois partem de gêneros “menores” para gêneros “maiores” considerando a maturidade dos alunos envolvidos no processo de leitura. Como bem, propõe Fischer (2008, p49) “os gêneros tratados como maiores exigem um espectador/leitor/ouvinte mais sofisticado, capaz de sutilezas que só o tempo e a dedicação permitem perceber.”

Dessa forma, o trabalho com os gêneros literários mais elaborados como é o caso do romance e da novela fica sob a responsabilidade do ensino médio, momento da educação básica em que os alunos estarão mais maduros para penetrarem em leituras mais profundas e longas

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In _____ **A criação da estética verbal**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.277-289.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental- língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CANDIDO, Antonio. Do direito à Literatura. In: _____ **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004. P.169-191

COLOMER, Teresa .**Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global. 2014

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2009.

FISCHER, Luís Augusto. **Literatura brasileira: modos de usar**. Porto Alegre: LP&M, 2008.

GUIMARÃES, A.H.T.; BATISTA, R.O. Leitura e ensino: algumas reflexões. In: **Língua e literatura: Machado de Assis na sala de aula**. São Paulo: Parábola ,2012.p.17-37.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ed. São Paulo: Ática, 2010.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. O professor como mediador de leituras literárias. In: BRASIL, **Literatura: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. P.41-54

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 7ed. São Paulo: Ática, 2007.

SILVA, M.C; MARTINS, M.R. Experiências de leitura no contexto escolar. In: BRASIL, **Literatura: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. P.41-54

TERRA, Ernani. **A leitura do texto literário**. São Paulo: Contexto. 2014.

ZILBERMAN, Regina. **A escola e a leitura da literatura**. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING (orgs). **Escola e Leitura: Velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global. 2009. p.17-39.

_____. **Que literatura para a escola? Que escola para a literatura?** In: Revista do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. V.5, nº1, jan./jun.2009. p. 9-20. Disponível em: <http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/924>
Acessado em: maio de 2014.